

PALCOS DE DISCÓRDIA



MÁRIO MESQUITA

O CASO DOS “FALSOS GÊMEOS”

A democracia portuguesa viveu quase sempre, desde que se institucionalizou, em regime de coabitação, nunca, porém, com tamanha energia positiva que a coexistência entre o Presidente e o primeiro-ministro tenha suscitado a metáfora dos “irmãos gêmeos” (citação de João M. Fernandes retomada por Ana Sá Lopes). Desta feita, o relacionamento entre os inquilinos de Belém e S. Bento atinge (ou, pelo menos, aparenta) níveis qualitativos nunca antes iguais.

A par da metáfora familiar, surgiu igualmente a analogia pedagógica. Nas famosas conversas de Belém, José Sócrates aprimora o seu universo de conhecimentos graças a Sua Excelência, o Presidente Cavaco Silva, sendo que, reciprocamente, o Cavaco Silva também aumenta a respectiva sabedoria através do diálogo com Sua Excelência, o primeiro-ministro José Sócrates. Declarações sucessivas de um e de outro corroboram a excelência desta relação política e pessoal, que, num clima de pessimismo acerca do futuro pátria, surgirá, para alguns, como pano de fundo retemperador.

Só é pena que, ao contrário do que terá sucedido noutros tempos, embora por motivos diferentes (quicá menos nobres), estes diálogos, de tanta valia pedagógica, não sejam registados para divulgação entre os portugueses. A semelhança das famosas *Conversas de Goethe com Eckerman*, estes *Diálogos de Cavaco com Sócrates* poderiam ser editados numa versão sintetizada (o *Simplex* a tanto obriga...) e sob a forma de *e-book* (conforme exigem os “desmaterializados” tempos do *Choque Tecnológico*...). Deste modo, a cooperação institucional opõe-se à degenerescência qualitativa impulsionada pela Lei de Gresham.

O reino do *Dialogex*

É como se, ao estilo tão em voga das rimas em “ex”, estivéssemos em pleno *Dialogex*. O diálogo entre o “economês” e o “tecnologês”, as duas linguagens dominantes, tendem a ajustar-se. A sua convergência aponta no sentido da abolição da “política”, enquanto área de decisão situada acima do “inevitável económico” e do “inadiável tecnológico”. Com esta base de entendimento, mediada por “pessoas sérias” (Cavaco *dixit*), a harmonia estará estabelecida e as ideologias esquecidas.

Claro: há quem não aprecie esta cumplicidade (real ou simulada) entre o Presidente cor-de-laranja e o primeiro-ministro cor-de-rosa. À direita, naturalmente, emerge o ciúme – sentimento quicá medíocre mas porventura inevitável –, quando o Presidente, emanado

Vivemos em pleno *Dialogex*: o diálogo entre o “economês” e o “tecnologês”. A sua convergência aponta no sentido da abolição da “política”, enquanto área de decisão situada acima do “inevitável económico” e do “inadiável tecnológico”. O Presidente e o primeiro-ministro serão “irmãos gêmeos”?

NUNO FERREIRA SANTOS



da sua família política surge em suave “namoro” com o primeiro-ministro do partido rival. O PSD, forçado pelas circunstâncias, controla os instintos mais primitivos, enquanto o CDS, parente afastado, se permite dar livre curso ao que lhe vai na alma, quando, por exemplo, o Presidente promulga, sem suscitar a questão da constitucionalidade, legislação subversiva sobre o tema da procriação medicamente assistida.

Nem tudo será um mar de rosas entre Belém e S. Bento? Talvez, não. O Presidente permite-se distinguir entre ministros da sua particular estima (veja-se o caso da Educação) e outros que lhe merecem reservas (o titular da pasta da Agricultura), o que não parece favorável ao Governo, nem se afigura compatível com a coabitação civilizada. Da mesma forma que a inclusão no séquito de conselheiros presidenciais de antigos ministros dos governos do PSD parecia, desde o primeira hora, prenunciar conflitos institucionais. Mas nada disso – a avaliar pelas palavras recentes de Cavaco Silva e José Sócrates – introduz qualquer sombra nesta admirável sintonia entre o Presidente e o Governo.

O parentesco intermitente

A seu tempo, contudo, se descobrirá o que toda a gente sabia desde o princí-

pio: são “falsos gêmeos”. A relação de parentesco é intermitente. Não só pela fidelidade de um à Igreja de Roma e a uma certa ideia da tradição, adaptada aos “ares do tempo”, enquanto o outro se inscreve, aparentemente, no reino do agnosticismo cosmopolita (o Bloco que se cuida...), mas também porque os interesses dos partidos e dos grupos de pressão determinarão que se separem, amanhã, aqueles que, de momento, a conveniência une.

Por enquanto, os emissários de Belém mandam silenciar as vozes do PSD que

desejariam criticar com maior veemência o Governo Sócrates. Uma espécie de “união nacional” contra o déficit une os partidos laranja e rosa. A seu tempo, posta ordem na casa, virão os tempos em que o Presidente Cavaco Silva terá de pensar na “sua gente”. Mas esses dias inscrevem-se num horizonte ainda afastado. Talvez após as presidenciais, onde talvez Cavaco Silva possa contar, pelo menos, com a neutralidade benevolente dos socialistas, a semelhança do que sucedeu, em 1991, com o apoio do PSD a Mário Soares.

Haverá, aqui e além, divergências pontuais. Cavaco Silva voltou a referir, a instâncias dos repórteres, as suas reservas acerca dos “grandes investimentos para o País”, como o “comboio de alta velocidade”, sugerindo um debate e uma “profunda análise custo-benefício”. Mas, por enquanto, mostra-se prudente. Lembra-se de que Sócrates, a seu tempo, afirmou que “desistir do TGV seria rendermo-nos ao atraso”, declaração demasiado contundente e peremptória para quem desejasse salvaguardar a margem de recuo. Talvez porque, em tempo de crise, o TGV e a Ota sejam o equivalente à “luz ao fundo do túnel” que, embora mal se vislumbre, sempre nos alumia impedindo que se instale, por completo, a desesperança. ■ PROFESSOR UNIVERSITÁRIO

EDUARDO ALEXANDRE SILVA

A DIETA

Não me considero gordo nem magro, sendo que ainda não tive problemas com o meu peso. Tens sorte, dirão de imediato alguns. Por isso mesmo nunca fiz dietas, mas conheço amigos/as e familiares que recorreram a um “atenuar” de alguns hábitos alimentares de forma a eliminarem o peso extra que os incomodava.

Sem dúvida que nos EUA existem bastantes pessoas gordas ou, melhor, obesas. Tendo em conta uma amostra de pessoas que vejo diariamente, diria que em cada 20 pessoas, quatro têm um peso, que eu considero, manifestamente exagerado. Mantendo sempre como padrão de análise a minha observação quotidiana e comparando com Portugal, sustento que a diferença na percentagem de obesos é abismal entre os dois países. Continuando com comparações, é interessante realçar a possibilidade da associação racial a estes números da obesidade, pois cerca de 45 por cento das pessoas obesas neste país são pessoas de raça negra, constatando-se uma quase ausência de obesidade nos asiáticos.

Causas? Obviamente que não há uma única causa. O leque estende-se desde os hábitos alimentares até ao próprio estilo de vida dos norte-americanos, não descurando disfunções genéticas.

Ao mesmo tempo, os EUA são talvez o país do Mundo onde existe mais informação a alertar para os riscos da obesidade. Aliás, basta ver a panóplia de produtos *low fat* existente no mercado para se ter uma visão da importância que os norte-americanos dedicam a esta questão. A cultura empreendedora dos EUA viu uma oportunidade de negócio neste campo e, desde cedo, criou um mercado muito lucrativo. Hoje em dia estima-se que são gastos bilhões de dólares quer em investigação dos produtos “baixa caloria”, quer na publicidade dos mesmos.

“Na América, não mais se receia os comunistas ou Deus, mas a gordura, essa, sim, nos assusta” – escreveu David Kritchevsky. Esta afirmação pode parecer exagerada, mas tendo em atenção as doenças associadas à obesidade, as palavras assumem um esboço de alguma realidade. De facto, não é de hoje que se conhece que elevados níveis de colesterol na corrente sanguínea potenciam um aumento da incidência de obstrução nas artérias, elevando o risco de doenças cardíacas associadas a ataques de coração, que resultam por vezes em morte. Toda esta associação causa-efeito é conhecida desde os anos 70, mas o que desejo trazer ao conhecimento de todos é que, muito embora todas as etapas desta cadeia tenham sido provadas cientificamente, a veracidade da cadeia como um todo ainda carece de verdade científica. Ainda hoje não existem provas de que o consumo, por um indivíduo saudável, de gorduras saturadas acima dos níveis recomendados resulte num aumento do risco de doenças cardíacas. Aliás, o encorajamento na redução de gorduras implica, provavelmente, um aumento no consumo de hidratos de carbono, o que até pode não ser melhor em termos de saúde.

Durante os últimos 30 anos, o conceito de alimentação saudável nos EUA, alvo de grandes investimentos governamentais de sensibilização da opinião pública, tornou-se sinónimo de uma alimentação que procura evitar ao máximo uma dieta rica em gorduras. O caricato da situação é que, paralelamente, assistiu-se ao desenvolvimento e maturação dos impérios das grandes companhias de *fast-food*, levando-me a questionar se não estivemos este tempo a lidar de uma forma errática com o problema, pois é sabido a atracção que a mente dos seres humanos tem para com o fruto proibido. Nessa visão poderemos em limite afirmar que o nosso peso é vítima da nossa própria mente tão susceptível ao *reverse psychology*. ■ DOUTORANDO NA UNIVERSIDADE DE HARVARD

Não existem provas de que o consumo, por um indivíduo saudável, de gorduras saturadas acima dos níveis recomendados resulte num aumento do risco de doenças cardíacas. Pode até encorajar um aumento no consumo de hidratos de carbono, o que nem sempre é o melhor para a saúde